



autêntica

DOI <https://doi.org/10.31639/rbfp.v10i18.181>

ARTIGOS

PRODOC: 20 anos de pesquisas sobre a profissão, a formação e a condição docentes

Júlio Emílio Diniz Pereira (UFMG)

*Coletivo de pesquisadores do PRODOC/UFMG

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar, em linhas gerais, um breve panorama sobre as atividades do Núcleo de Pesquisa sobre Condição e Formação Docente (PRODOC) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Fae/UFMG) e as concepções de docência e formação de professoras/es que permeiam os trabalhos desse grupo. Criado em 1997, em um momento em que ampliam-se as discussões sobre a formação dos profissionais da educação, o Núcleo possui uma produção científica que contempla aspectos da profissão docente e suas variadas dimensões realizando pesquisas principalmente sobre condição docente e formação de professoras/es em todos os níveis. Atento a temas comumente silenciados dentro da pesquisa sobre a formação e prática docentes no âmbito da condição docente, o grupo completou duas décadas de existência, assumindo a responsabilidade de permanecer contribuindo com o campo da pesquisa sobre formação de professoras/es no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Profissão docente; Condição docente; Formação de professores.

PRODOC: 20 years of research on teaching profession, education and condition

ABSTRACT: The purpose of this paper is to present, in general terms, a brief overview of the activities of the Research Group on Condition and Teacher Education (PRODOC) at the School of Education of the Federal University of Minas Gerais (FaE/UFMG) and conceptions of teaching and teachers that permeate the work of this group. Established in 1997, at a time when the discussions about the development of education professionals were broadening, the group keeps a scientific production that contemplates aspects of the teaching profession and its diverse dimensions conducting research mainly on teaching condition and teacher education at all levels. Considering the themes commonly silenced within the research on teacher education and practice within the scope of teaching condition, the group completed two decades of existence, taking the responsibility of continuing to contribute to the field of research on teacher education in Brazil.

KEY-WORDS: Teaching profession; Teaching condition; Teacher education.

PRODOC: 20 ANOS DE PESQUISAS SOBRE A PROFISSÃO, A FORMAÇÃO E A CONDIÇÃO DOCENTES¹

Coletivo de Pesquisadoras/es do PRODOC²

O Núcleo de Pesquisa sobre Condição e Formação Docente (PRODOC) desenvolve estudos e pesquisas que abordam a formação de professoras/es³ em suas múltiplas facetas, bem como a condição docente, entendendo-a como parte intrínseca dessa formação.

Criado em 1997, com novo registro em 2006, o PRODOC – cujo nome original era Núcleo de Pesquisa sobre Profissão Docente – reúne pesquisadoras/es da educação superior de várias instituições universitárias e de redes da educação básica do estado de Minas Gerais. Desde a criação do grupo, tínhamos clareza de que a “profissão docente” – expressão que deu origem à sigla do nosso Núcleo de Pesquisa – era o grande “guarda-chuva” sob o qual estariam diferentes dimensões como, a formação, o trabalho, a condição, as identidades, as práticas, etc.

Sendo assim, o grupo tem por objetivo a pesquisa sobre a condição docente e a formação de professores em todos os níveis, desdobrando-se nas seguintes questões, dimensões e categorias de análises: as/os professoras/es como sujeitos socioculturais; o cotidiano de vida e trabalho; dimensões e processualidades da condição de professora/professor; vidas, experiências e histórias da/o professora/professor; questões da subjetividade; os tempos docentes, a materialidade e registros simbólicos na condição e no trabalho docentes; corporeidade, temporalidades, gênero e ciclos de vida no exercício do magistério; a questão étnico-racial na docência; a questão geracional e intergeracional na sala de aula e na docência; tempos, espaços e processos da formação de professoras/es; multiculturalismo e interculturalismo no exercício da docência. A escola e a sala de aula como espaços socioculturais e as relações docentes-discentes. Processos de construção de identidades docentes: continuidades e rupturas. Significações/ressignificações, emoções e sentimentos da docência e das/os docentes sobre sua vida e seu trabalho. Dificuldades e problemas vividos pelas/os professoras/es no exercício do magistério na contemporaneidade. As/os docentes e as áreas de conhecimentos e de pesquisa. Os conteúdos disciplinares como mediação na prática e a construção curricular. As/os docentes e a educação infantil, fundamental, média, de jovens e adultos, e superior: sujeitos, cotidianos, representações, saberes e práticas. As/os professoras/es de escolas do campo: sujeitos, cotidianos, representações, saberes e práticas. A mediação da terra nas relações docentes-discentes nas escolas do campo. Trabalho e imagens da docência em gerações de professoras/es. Elementos de heterogeneidade na categoria social dos professores. Práticas pedagógicas de professoras/es. Educação, docência e cinema.

Tem-se, a seguir, um breve panorama sobre a pesquisa educacional na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG) nos últimos anos, e, mais especificamente, sobre a produção acadêmica do PRODOC desde a sua criação, em 1997, bem como as concepções de docência e de formação de professoras/es com que esse grupo trabalha ao longo desses anos.

1 Este texto foi escrito pelo coletivo atual de pesquisadoras/es do PRODOC com base em um esforço de sistematização sobre a produção desse Núcleo de Pesquisa realizado pelas professoras Margereth Diniz, Samira Zaidan e Simone Grace de Paula.

2 O coletivo atual de pesquisadoras/es do PRODOC é formado pelas/os seguintes professoras/es, em ordem alfabética: Álida Alves (FaE/UFMG), Ana Lúcia Faria (RMEBH), Célia Nunes (UFOP), Cleomar Locatelli (UFTO), Inês Teixeira (FaE/UFMG), João Valdir Alves de Souza (FaE/UFMG), José Ângelo Gariglio (EEFFTO/UFMG), Juliana Batista Faria (CP/UFMG), Júlio Emilio Diniz-Pereira (FaE/UFMG), Karla Pádua (FaE/UEMG), Margareth Diniz (UFOP), Maria do Socorro Lima Costa (UFVJM), Maria José de Paula (RMEBH), Maria José Flores (FaE/UFMG), Marília Sousa Dias (RMEBH), Samira Zaidan (FaE/UFMG), Santuza Amorim (FaE/UEMG), Simone Grace de Paula (UEMG Divinópolis e UIT), Wagner Ahmad Auarek (FaE/UFMG), bem como por estudantes de mestrado, de doutorado e de graduação (iniciação científica).

3 Conscientes do papel que a língua pode ter na reprodução de discriminações de gênero, adotaremos, ao longo deste artigo, um padrão diferente daquele usado na “norma culta” que adota o masculino como norma. Todas as vezes que nos referirmos aos profissionais da educação básica e também às/aos pesquisadoras/es do nosso grupo de pesquisa, em que as mulheres são nitidamente a maioria, partiremos do feminino e faremos a diferenciação do masculino: professoras/es; pesquisadoras/es.

O movimento de renovação pedagógica iniciado em Minas Gerais, em meados dos anos 1980, aproximou a FaE/UFMG das redes públicas de educação, a partir do momento em que várias/os professoras/es dessa Instituição foram chamadas/os a colaborar na elaboração e no desenvolvimento de propostas educacionais inovadoras. Esse processo coincide ainda com a mudança do referencial teórico que predominava entre as pesquisas desenvolvidas na FaE/UFMG. Até o final da década de 1980, a teoria da reprodução orientava a maioria das investigações ali realizadas e, apesar disso, questões sobre os movimentos sociais e educação sempre estiveram presentes, evidenciando, neste caso específico, um menor interesse pela educação escolar.

Nos anos 1990, ganham corpo e espaço as pesquisas com o enfoque qualitativo e que se voltam mais para o interior da escola, bem como para o cotidiano da sala de aula e de suas práticas educativas. Essa década foi marcada por propostas de inovação político-pedagógica da educação básica (como a Escola Cidadã, a Escola Plural, a Escola Candanga, entre outras), pela elaboração de nova legislação educacional em âmbito nacional, a LDB de 1996, que ampliou direitos à educação com a introdução dos debates sobre as diversidades na sociedade e nas escolas brasileiras. Aparecem, então, muitos relatos de práticas, observação e descrição de ações do cotidiano escolar. A prática pedagógica, seus sujeitos e contextos adquirem grande importância como objeto de reflexão nas pesquisas, tanto em análises de projetos de escolas como nas salas de aulas e do cotidiano escolar em geral, que passam a focalizar o ensino de capacidades e habilidades disciplinares e interdisciplinares. A prática pedagógica esteve presente em muitos trabalhos, como inovação, como resistência, para apontar avanços ou dificuldades no trabalho pedagógico.

No entanto, será na década de 2000 que a noção da educação como direito se amplia e a busca pela universalização desse direito transparece nos discursos, na legislação e nas pesquisas. Os temas relativos à diversidade ganham ainda mais espaços (condição dos sujeitos da educação: criança, adolescência, juventude, adulto; questões de gênero, étnico-racial; inclusão da pessoa com deficiência; a educação do campo, indígena, quilombola; a importância da cultura e das artes em geral, etc.), e se expressam em projetos de educação e nas pesquisas, ampliando-se também o arcabouço teórico. Nesse sentido, reconhece-se a proeminência da ação docente na escola básica, suas reflexões e elaborações teóricas; ampliam-se as pesquisas sobre o ensino e discute-se ainda mais frequentemente a formação docente.

A política global de formação dos profissionais da educação na sociedade brasileira orienta-se, fundamentalmente, para a escola pública e são cada vez mais recorrentes os princípios de justiça e de uma educação de qualidade referenciada pelo social, identificados em projetos sociopolíticos que apontam para a superação das condições de desigualdades existentes no País. As instituições formadoras defendem a formação de um profissional da educação que tenha uma referência ampliada do fenômeno educativo, que seja capaz de compreender criticamente os determinantes e as contradições do contexto em que está inserido, assim como de atuar na transformação desse contexto e na criação das condições para que se efetivem os processos de ensino-aprendizagem, na perspectiva da formação humana.

Entendemos que a docência vai além do conjunto de ações da professora e do professor no cotidiano da sala de aula. Tomamos a docência como a base identitária de todo e qualquer profissional da educação, estando elas ou eles em diversos espaços educativos, dentro ou fora da escola. Nesse sentido, o termo docência remete-nos a uma esfera mais política do que a uma esfera puramente empírica. Compreender que a/o docente tem o ensino e a formação humana como suas principais atividades, além de obrigação social e profissional, é o foco das preocupações do PRODOC, bem como a concepção da formação continuada como um direito.

O trabalho docente é realizado em instituições por sujeitos singulares e plurais, fazendo do ato pedagógico de uma/um profissional da educação desdobramento de suas próprias complexidades e saberes. Para isso, faz-se necessário, na formação docente, aprofundar em estudos sobre os sujeitos e seus contextos, sobre as instituições e os saberes a fim de promover a alteração de concepções arraigadas, modificando-as na direção de uma perspectiva da/o professora/professor como sujeito, tendo em vista uma educação pública e democrática para todos. Há necessidade de se conceber, na formação, espaços de autoconhecimento e de reflexão ética, pois, é no plano humano que se une a teoria e a prática; é no plano do sujeito que se dá a formação.

Obviamente, a questão da formação docente é tratada com grande relevância e é um tema que também congrega muitos trabalhos. O paradigma do professor reflexivo foi a principal referência teórica na grande maioria desses trabalhos que surgiram nesse último período de mudanças na sociedade brasileira. Aparecem, com grande força, as categorias da prática e da prática reflexiva, e as/os professoras/es são vistos, nessas pesquisas, como sujeitos socioculturais produtores de saberes que advêm de suas práticas, de suas reflexões e de seus estudos.

A condição docente aparece, nesses trabalhos, de modo mais amplo, e as/os docentes são investigados em suas múltiplas e diversas dimensões (corporal, afetiva, profissional, histórica, sua condição de gênero, raça/etnia, etc.). Também buscamos compreender as organizações escolares, entendendo-as como (des) favoráveis à formação e à inovação docente, dependendo das condições que ali se encontram. Valorizamos o saber teórico e o saber experiencial dos docentes na construção dos conhecimentos profissionais.

Poderíamos destacar, nas últimas décadas, várias ações no âmbito federal e estadual que, possivelmente, causaram impacto significativo no cotidiano das escolas, gerando muitas e variadas demandas de pesquisa que ajudam a compreender os problemas que se colocam para os profissionais da educação, buscando investigar questões ligadas ao cotidiano da escola e do desenvolvimento profissional docente.

O PRODOC compreende que, constituem conteúdos emergentes na formação acadêmico-profissional (“formação inicial”), as pesquisas relativas aos temas transversais, como meio ambiente, educação do campo, educação e saúde, educação de gênero e sexualidade, educação étnico-racial e educação para a inclusão de pessoas com deficiência. Também é um tópico emergente, a formação da/o professora/professor para o uso das novas tecnologias. No entanto, continuam relevantes, nesse campo, temas como as desigualdades sociais e escolares.

Há ainda que se destacarem os vários estudos desse período, entre eles, o estado do conhecimento sobre a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH) e, mais especificamente, as investigações sobre a incorporação das tecnologias informacionais nos processos educativos e organizacionais. São pesquisas sobre o uso da informática na formação docente, em processos de ensino-aprendizagem dos estudantes, nas práticas de inclusão e na gestão pública escolar. Constatam-se avanços e dificuldades nas diversas maneiras como essa nova perspectiva se articula com os processos de formação na educação básica.

Também há estudos relativos ao conhecimento da formação e aos projetos formativos, advindos de diretrizes nacionais que ganham espaço nesse período, instigando a retomada de conceitos sobre a própria formação inicial e dos conteúdos, saberes e ética que a compõem.

A relação da/o professora/professor com as práticas e bens culturais, com as linguagens e expressões artísticas nos interessa e constitui parte do material de pesquisa que vimos discutindo. Todos esses temas

aqui citados foram abordados nos Círculos de Estudos do PRODOC – atividade realizada em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/FaE/UFMG) – e que contam com a participação de alunas/os de diversos cursos de Licenciatura, de pesquisadoras/es e de professoras/es do ensino superior e da educação básica.

Como pesquisadoras/es, estamos atentas/os aos temas e conteúdos que, geralmente, são silenciados na formação e na prática docentes e que dizem respeito à condição docente: a formação política do professor, suas condições de trabalho, modos de associação profissional, questões salariais e de carreira. Ainda não alcançamos a discussão sobre a formação de professores para atuar em movimentos sociais e com crianças em situações de risco.

Em nossas análises de materiais de pesquisa recentes e nas discussões acerca das questões que tangem à formação e à condição docentes, temos constatado que, de maneira geral, a pulverização dos objetos de pesquisa de teses e dissertações indica um campo aberto para renovação dos saberes na área da formação e da condição docentes. Houve recorrência significativa de autores como António Nóvoa, Donald Schön, Emílio Tenti Fanfani, Kenenth Zeichner, Maurice Tardiff, Miguel Arroyo, Paulo Freire e Phillip Perrenoud, nas referências bibliográficas consultadas.

Ainda há pouco enfoque no pensamento político da formação docente e, de modo geral, algumas pesquisas demonstram não existir diferenças nas práticas dos docentes que fizeram formação pedagógica daqueles que não a fizeram. Todavia, tais constatações precisam passar por uma análise mais aprofundada para sabermos, por exemplo, onde tal formação foi realizada? De que maneira? Foi presencial ou a distância? Em que época e com que perspectiva?

Tomando-se por base as nossas pesquisas e por meio de nossa presença nas escolas e de trabalhos desenvolvidos com elas, assim como a nossa participação em eventos promovidos pelas secretarias municipais e estaduais de educação, constatamos que as/os professoras/es reivindicam a formação continuada como direito e a valorização de uma prática reflexiva, exigindo a responsabilidade do custeio dessa formação às instituições em que estão inseridos. Esse fato parece caracterizar certa centralidade dada à formação continuada nesse período, um deslocamento da formação docente do âmbito acadêmico e científico para o campo das práticas educativas.

Dependendo da maneira como é trabalhada, a formação continuada pode participar da (re)construção das identidades docentes, além de poder ajudar as/os professoras/es no processo de conscientização e na elaboração de suas reivindicações. Porém, mesmo quando os trabalhos abordam um conteúdo importante no processo de formação, os aspectos enfatizados podem ser muito limitados: revelam representações, concepções e opiniões pessoais. O resultado é um quadro também parcial da formação docente que deixa muitas questões abertas sobre que processos e práticas de formação seriam mais efetivos no contexto da educação brasileira, e que políticas deveriam ser formuladas tendo em vista essa formação.

Se, por um lado, há uma pulverização nas produções, podendo representar um campo de possibilidades de novos trabalhos, por outro lado, isso denuncia que um número bastante variado de autores e de obras consultadas não consolida novas teorizações. Isso também parece apontar que as perspectivas da escola como reprodução e como transformação, ao mesmo tempo, como um quadro heterogêneo e complexo, reflete o quadro social diverso e desigual que temos no Brasil.

As produções denunciam ainda políticas de sucateamento da educação e, especialmente, defendem a qualidade do ensino público e a criação de condições favoráveis para o trabalho docente. Constatamos ainda que o maior e o melhor nível de formação não, necessariamente, refletem na qualidade de ensino, o que é demonstrado pelos índices de avaliações aplicados em diversas redes de ensino, já que as condições de trabalho permanecem duras para a maioria dos docentes em nosso país.

No ano de 2016, criou-se, no Programa de Pós-graduação em Educação da FaE/UFMG, a Linha de Pesquisa “DOCÊNCIA: processos constitutivos, professoras/es como sujeitos socioculturais, práticas e experiências”. Nela, serão investigados os seguintes temas: processos constitutivos da docência: dimensões materiais e simbólicas da docência; condições laborais, experiências e práticas pedagógicas; formação acadêmico-profissional (“formação inicial”) e desenvolvimento profissional (“formação continuada”) de professoras/es da educação básica e superior; regulação dos processos formativos de profissionais da educação; currículos formais e percursos de formação de educadoras/es; dimensões de classe, gênero, raça/etnia e orientação sexual na construção de identidades docentes; aprendizagem da docência e saberes docentes; as/os professoras/es e os processos de avaliação educacional; docência, redes sociais e mídias digitais; professoras/es como sujeitos socioculturais: vidas e histórias individuais e coletivas das/os professoras/es da educação básica e superior; tempos e espaços docentes; as/os professoras/es, processos formativos e práticas culturais: acesso e relações dos professores com as obras e criações culturais.

Sendo assim, trabalharemos, a partir de agora, em busca de uma articulação orgânica entre essa Linha de Pesquisa no PPGE/FaE/UFMG e o nosso grupo de investigação, o PRODOC. Na verdade, espelhamo-nos na experiência de outros grupos de pesquisa na FaE/UFMG que têm buscado essa articulação entre si e as respectivas Linhas de Pesquisa na “Pós”, e têm colhido bons frutos em termos de aprofundamento teórico, de incremento e aumento da qualidade da produção científica.

Deve-se destacar, ainda, que o PRODOC tem ampliado e consolidado, nos últimos anos, atividades e trabalhos na interface da pesquisa com a extensão, além de acumular experiências em projetos de formação de professoras/es tanto no âmbito do aperfeiçoamento e da formação continuada quanto no âmbito da pós-graduação lato sensu, como é o caso da participação de pesquisadoras/es do PRODOC na criação, na realização e na coordenação de várias áreas de concentração oferecidas pelo LASEB – Curso de Especialização (lato sensu) para professoras/es da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, implantado mediante convênio entre a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFMG, a Faculdade de Educação, a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte e o Ministério da Educação (MEC), bem como os estudos desenvolvidos na UFOP via o Observatório da Educação da Região dos Inconfidentes.

Finalmente, o ano de 2017, por completarmos 20 anos de existência, tem sido de reflexões sobre a trajetória desse grupo de pesquisa e, principalmente, sobre os trabalhos a serem realizados pelo nosso grupo nos próximos anos. Por sermos um grupo de pesquisa consolidado e com uma trajetória de 20 anos, sentimos a responsabilidade em contribuir com o campo da pesquisa sobre formação de professoras/es no Brasil e, evidentemente, ao fazer isso, aprender com a nossa experiência e com a de outros grupos de pesquisa sobre a formação de docentes no País.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 19-35.

ANDRÉ, Marli. A pesquisa sobre formação de professores no Brasil – 1990-1998. In: CANDAU, Vera M. (Org.). *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Rio de Janeiro: CP&A, 2000, p. 83-99.

ARROYO, Miguel G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto. Ensino, uma atividade relacional. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.11, p.17-32, mai/jun./jul./ago.1999.

DALBEN, Ângela I L de Freitas (org.) e outros. *Singular ou Plural: eis a escola em questão*, Belo Horizonte: GAME/FaE/UFMG, Belo Horizonte, 2000.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n.24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "Estado da Arte". *Educação & Sociedade*, Campinas, v.23, n.79, p.257-72, ago. 2002.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo, SP: Cortez, 1995.

FREITAS, Helena Costa L. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n.80, p.137-168, set. 2002.

GABRIEL, Carmen T. Escola e Cultura: uma articulação inevitável e conflituosa. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Reinventar a Escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 17-46.

GATTI, Bernadete Angelina. *A construção da pesquisa em Educação no Brasil*. Brasília: Plano, 2002.

OLIVEIRA, Betty. Paradigmas e alienação na pesquisa em Educação: a problemática da cotidianidade. In: _____ *O trabalho educativo: reflexões sobre paradigmas e problemas do pensamento pedagógico Brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 1996, p. 25-41.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca. *Alfabetização – Brasil*. Brasília: MEC Inep/Comped, 2000.v

FANFANI, Emilio Tenti. *La condición docente: análisis comparado de Argentina, Brasil, Perú y Uruguay*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

